

**O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR  
ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA  
NA OBRA A MENINA QUE PERDEU A PERNA**

Veronica de Andrade Martins de Almeida (UNIGRANRIO)

[gajove@terra.com.br](mailto:gajove@terra.com.br)

Haydêa Maria Marino de Sant'Anna Reis (UNIGRANRIO)

[hmaria@unigranrio.edu.br](mailto:hmaria@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo compreender como se tece o diálogo interdisciplinar entre literatura e história, na obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014) *A Menina que Perdeu a Perna*, que se constitui em uma publicação da literatura infantil que tem como tema a história de uma atleta paralímpica. Nessa perspectiva, o trabalho é organizado no sentido de descrever brevemente a trajetória da deficiência, desde o paradigma exclusão/segregação, à inclusão social, tendo como referencial teórico: Rosana Andréa R. de Oliveira (2006), Antônia Maria Nakayama (2007), Sabrina Trica Rocha (2009), Romeu Kazumi Sassaki (2010), Marcos José da Silva Mazzotta (2011), Tiago Henrique França (2014). O texto inclui uma abordagem sobre as origens dos jogos paralímpicos com a finalidade de identificar em que contexto se deu a sua estruturação, e fundamenta-se nos autores: Renato Francisco Rodrigues Marques *et al* (2009), Vinícius Denardin Cardoso (2011), Aparecida Carina Alves de Souza (2013), entre outros. No que concerne especificamente ao enfoque dado por Aparecida Carina Alves de Souza (2014), são destacados os aspectos que envolvem a questão da deficiência física, bem como os elementos que permeiam o diálogo entre literatura infantil e a história da deficiência abordada em jogos paralímpicos na elaboração de seu livro. O suporte para o desenvolvimento desse assunto são os trabalhos de Sandra Jatahy Pesavento (2006), Gerson Donato (2007), e Antonio Candido (2010). Conclui-se o artigo refletindo sobre a construção do diálogo interdisciplinar na obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), entre Literatura e História, bem como a importância de seu trabalho sobre a questão da deficiência.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Interdisciplinaridade.  
Deficiência. Jogos paralímpicos.

**1. Introdução**

Este trabalho tem por finalidade compreender como se tece o diálogo interdisciplinar entre literatura e história, na obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014) *A Menina que Perdeu a Perna*, que se constitui em um livro de literatura infantil, tendo como enredo a história de vida de Rosinha, que perdeu a perna devido a um atropelamento. Após o acidente, a mesma inicia a prática de esporte e torna-se uma atleta para-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

límpica em arremesso de peso e lançamento de disco com muitas medalhas.

Rosinha é descrita como uma pessoa vaidosa, feliz, que gosta de ouvir música, brincar além de ser disciplinada em seus treinos. A autora enfatiza na narrativa a questão da superação de obstáculos e fronteiras, rompendo com a visão de incapacidade que permeou a trajetória da deficiência em diferentes épocas.

Também aborda outras questões sobre os direitos e leis de inclusão social da pessoa com deficiência, por meio de uma linguagem clara com o objetivo de atingir o público infantil, utiliza também as ilustrações como recurso, as quais proporcionam uma maior interação entre o texto literário e o público, possibilitando o desenvolvimento da imaginação, a construção de conceitos, bem como a percepção do valor estético e literário da obra.

Sendo assim, Aparecida Carina Alves de Souza (2014) transporta o leitor para a literatura infantil, narrando uma história verídica, escrevendo a importância do esporte para a recuperação das limitações que cercam a deficiência. Desta forma, tem função social de produzir um texto literário que se volte para a reflexão sobre a temática. Diante dos múltiplos aspectos apresentados na referida obra, organizou-se esse artigo em 4 (quatro) eixos norteadores que são descritos abaixo:

O primeiro consiste em descrever, os principais aspectos que envolvem a história da deficiência, dessa forma aborda-se a questão de como a deficiência foi tratada desde a Idade Antiga com o extermínio das pessoas com deficiência, até a contemporaneidade com a inclusão social.

O próximo tópico, abrange as origens dos jogos paralímpicos, tendo como referencial histórico, o período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando iniciam estes jogos, até a atualidade, momento em que ganha maior visibilidade.

O terceiro constitui-se na apresentação da autora, e do livro *A Menina que Perdeu a Perna*. Enfoca-se os aspectos que envolvem a narrativa e o enredo da referida obra literária.

Em seguida, a abordagem volta-se para uma análise do diálogo interdisciplinar entre literatura e história na obra *A Menina que Perdeu a Perna*, descrevendo como constrói-se esse diálogo interdisciplinar nessa narrativa literária, que tem como alvo o público infantil. Essa análise

fundamenta-se nos seguintes autores: Sandra Jatahy Pesavento (2006), Gerson Donato (2007) e Antonio Candido (2010).

Nas considerações finais são consolidadas as reflexões sobre a produção literária de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), no que tange ao diálogo interdisciplinar entre a literatura e história, e sua relevância para a construção de um novo olhar sobre a deficiência.

## **2. A história da deficiência – aspectos fundamentais**

Escrever sobre a história da deficiência não se constitui em um processo fácil, à medida que os caminhos percorridos na garantia de seus direitos foram tortuosos, indo desde o extermínio, exclusão/segregação, normalização, aos princípios que envolvem a inclusão social.

Sobre essa história, Tiago Henrique França (2014, p. 106) pontua que se constitui em:

Um grande desafio das investigações que tratam dessa questão é a falta de fontes históricas que retratem tais pessoas, suas vidas e lugares que ocuparam nas sociedades e culturas as quais pertenciam. Nesse cenário, em que a própria restrição de dados históricos pode indicar a falta de prestígio social, a utilização de representações culturais são meios pelos quais o valor atribuído à deficiência pode ser parcialmente notado, tornando-se fontes de grande importância na construção da história da deficiência.

Diante dessa realidade, para descrever os aspectos essenciais que delineiam a construção da deficiência, nos diferentes momentos históricos, utilizou-se como critério a padronização clássica da história geral da humanidade, ou seja, marcados pelos diferentes períodos, isto é, as Idades: Antiga, Média, Moderna e Contemporânea.

Na Antiguidade Clássica, principalmente na Grécia e Esparta, havia o culto ao corpo perfeito, exigido pelas próprias condições em que viviam a sociedade da época, nesse sentido:

Na civilização grega, as cidades-estado estavam notadamente sempre em guerra, sendo a busca por escravos apontada como a razão central dessa dinâmica. Para uma sociedade que tem no guerreiro uma figura central, o corpo e sua condição física são também de grande importância. Nesse contexto, o infanticídio era comum. (FRANÇA, 2014, p. 107)

Desse modo, muitas pessoas com deficiência foram mortas e sacrificadas: “em outros, submetidas a um processo de purificação com o intuito de livrá-las do mal de que eram acometidas conforme relata Costa (2005, *apud* ROCHA, 2009, p. 37).

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A Idade Média, se caracteriza por um período marcado pela primazia da igreja católica na organização social tendo como base o teocentrismo, sendo assim, a deficiência passa a ser concebida em seu aspecto espiritual, ligada às “noções relacionadas à impureza e pecado, ação demoníaca ou rejeição divina ganharam importância como fatores explicativos. (FRANÇA, 2014, p. 108)

Sobre a questão da religiosidade no que tange à deficiência Antônia Maria Nakayama (2007, p. 17 e 18) destaca que:

A relação da sociedade com o diferente estava calcada no contexto de uma organização sócio-política-econômica e foi associada ao conjunto de crenças religiosas e metafísicas, permitindo que alguns fossem mortos, outros mantidos em convivência amigável, outros ainda punidos porque a fraqueza e a deficiência eram consideradas resultantes de posseção demoníaca, sendo a punição a única forma de se livrar do pecado. No domínio velado das ações da nobreza pelo clero, que verdadeiramente tinha o comando social, não havia lugar para as pessoas com deficiências físicas ou mentais, sendo ignoradas à sua própria sorte, encontrando raras vezes a convivência na caridade humana.

Ainda na Idade Média, “a cegueira era tida como um castigo de Deus ou um peso para a sociedade, e, assim, o indivíduo era em geral marginalizado ou morto”. (SOUZA, 2013, p. 57)

No que concerne à Idade Moderna, ainda permanecem os aspectos místicos que envolvem a deficiência, conforme Rosana Andréa R. de Oliveira (2006, p. 147); “durante a reforma protestante as atitudes ainda não mudaram os deficientes ainda eram vistos como besta-demoníacas por lhes faltarem a razão ou a benção”.

A autora também assinala como fundamental nessa época, que “por volta de 1526, um médico chamado Paracelso avaliou a deficiência como algo orgânico e não apenas baseado em explicações supersticiosas”. (OLIVEIRA, 2006, p. 147)

De acordo com Marcos José da Silva Mazzotta (2011), essa percepção da deficiência vinculada ao misticismo e ocultismo vai perdurar até o século XVIII, posto que, até esse período não havia “base científica para o desenvolvimento de noções realísticas. O conceito de diferenças individuais não era compreendido ou avaliado”. (MAZZOTTA, 2011, p. 16)

O século XVIII é marcado por dois acontecimentos, que vão modificar o cenário econômico, político e social, são eles: a Revolução Industrial (iniciada por volta de 1760 na Inglaterra), e a Revolução Francesa (1789), que tem suas bases vinculadas ao Iluminismo, que se caracte-

riza por uma nova forma de pensar o homem (o antropocentrismo), apre-  
goa os princípios de igualdade, fraternidade e liberdade, escondendo a  
desigualdade social que é um traço marcante do capitalismo emergente.

A Revolução Francesa se constitui no marco referencial do início  
da Idade Contemporânea, período no qual ocorre a consolidação do capi-  
talismo como sistema econômico. Somente a partir desse momento, que  
se inaugura a preocupação com o conhecimento científico. É nesse con-  
texto que a “biologia e medicina passam a ser as responsáveis pela expli-  
cação do funcionamento do corpo e do tratamento de suas imperfeições e  
males”. (FRANÇA, 2014, p. 110)

Observa-se, nesse sentido, a primazia da Medicina, no que tange  
aos estudos sobre a deficiência, sugerindo que o tratamento médico fosse  
realizado, através de “reclusão social e experimentação, iniciando o cha-  
mado Paradigma da Institucionalização da Deficiência no que diz respei-  
to à relação entre as pessoas com deficiência e a sociedade”. (FRANÇA,  
2014, p. 110)

É nesse período que se dá ênfase a institucionalização das pessoas  
com deficiência, com a construção de várias instituições ligadas às inicia-  
tivas caritativas, filantrópicas e assistencialistas, tendo forte influência da  
igreja católica.

No início do século XX, constata-se um elevado número de pes-  
quisas e estudos sobre a questão da deficiência, por parte de diferentes  
disciplinas, dentre elas: medicina, pedagogia e psicologia, levando a vá-  
rias publicações sobre o assunto. Todavia, permaneceu ainda a primazia  
da medicina sobre a questão da deficiência.

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), dois pontos refe-  
rentes às pessoas com deficiência merecem destaque: o primeiro refere-  
se à utilização da mão-de-obra dessas pessoas no mercado de trabalho,  
devido à baixa da população com o quadro de guerra; e a nova forma de  
perceber a deficiência posto que, essa está diretamente vinculada con-  
forme Tiago Henrique França (2014) aos combatentes que retornam da  
Segunda Guerra Mundial com deficiências, o que trouxe além do orgulho  
de ter defendido sua pátria,

esse sujeito traz consigo novos dilemas ao poder público sobre a proteção so-  
cial das pessoas com deficiência, logo tornam-se os primeiros ativistas com  
deficiência ao evidenciar a falta de proteção e exclusão social vivenciadas pe-  
las pessoas com deficiência. (FRANÇA, 2014, p. 115)

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

No final dos anos de 1980, inaugura-se um novo paradigma sobre a inclusão social, inicialmente nos países desenvolvidos, e na década de 1990, se expande aos países em desenvolvimento. É nesse período também, que ocorre a consolidação desse novo paradigma, com a Declaração de Salamanca (Espanha, 1994), que estabelece os princípios do processo inclusivo. É a partir dessa Declaração que se intensificam a elaboração de leis, decretos, resoluções, que perpassam às décadas seguintes do século XXI, no compromisso ético-político com a deficiência, que tem suas bases alicerçadas nos seguintes aspectos, conforme descreve Romeu Kazumi Sassaki (2010, p. 17):

- celebração das diferenças;
- direito de pertencer;
- valorização da diversidade humana;
- solidariedade humanitária;
- igual importância das minorias;
- cidadania com qualidade de vida.

Esses princípios, se constituíram e constituem-se em elementos essenciais na construção e implementação do processo de inclusão social da pessoa com deficiência.

Sobre essa breve história da deficiência, pode-se concluir utilizando a reflexão de Romeu Kazumi Sassaki (2010), que a descreve em seus diferentes momentos de sua construção, da seguinte forma:

A sociedade, em todas as culturas, atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a *exclusão social* de pessoas que – por causa das condições atípicas – não lhe pareciam pertencer à maioria da população. Em seguida, desenvolveu o *atendimento segregado* dentro de instituições, passou para a prática da *integração social* e recentemente adotou a filosofia da *inclusão social* para modificar os sistemas sociais gerais. (SASSAKI, 2010, p. 16)

Essas diferentes práticas sociais, trazem em seu bojo o rótulo, e a classificação das pessoas com deficiência, através das denominações: “anormais”, “idiotas”, “excepcionais”. Tais denominações estão arraigadas de preconceitos, estereótipos e estigmas que marcam a pessoa com deficiências durante séculos. Baseado no binarismo “normal” e “anormal”, que perpassa os padrões sociais, determinando a “incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto”. (BOURDIEU, 2012, p. 94)

É notório observar, que com a inclusão social muitas conquistas no sentido de garantia de direitos das pessoas com deficiências foram obtidas, porém há um longo caminho a ser trilhado para implementação de um processo inclusivo que tenha compromisso com a acessibilidade, autonomia, independência e empoderamento.

### **3. As origens dos jogos paralímpicos<sup>56</sup>**

As primeiras iniciativas de esporte adaptado surgem no século XIX, em 1871, nos Estados Unidos da América, período em que uma escola, desse país oferece beisebol para alunos com deficiência auditiva.

Outras propostas que envolvem surdos ocorrem respectivamente em Berlim (Alemanha) em 1888, que se constitui nas “primeiras notícias da existência de clubes esportivos para pessoas surdas” (MARQUES *et al*, 2009, p. 37). Também voltado para a questão das pessoas com deficiência auditiva, no ano de 1924, em Paris (França) acontece os *Jogos do Silêncio*.

Aparecida Carina Alves de Souza (2013) descreve, que após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), devido “a alta incidência de soldados com lesões e amputações devido às batalhas foi uma das principais heranças deixadas pelo conflito. Em 1918, soldados alemães com deficiência adquirida durante a batalha começaram a praticar as modalidades de tiro e arco e flecha (p. 48)

O esporte adaptado tem suas origens vinculadas a:

Um importante meio na reabilitação física, psicológica e social para pessoas com algum tipo de deficiência, consiste em adaptações e modificações em regras, materiais, locais para as atividades possibilitando a participação das pessoas com deficiências nas diversas modalidades esportivas. (DUARTE & WERNER, 1995, *apud* CARDOSO, 2011, p. 530)

Para Vinícius Denardin Cardoso (2011), a influência dessa adaptação além de favorecer a reabilitação possibilita a vida independente enfatizando que:

---

<sup>56</sup> Conforme recomendação do Comitê Paralímpico Internacional, ao Comitê Paralímpico Brasileiro, foi substituída a denominação paraolímpico, pelo paralímpico, com o objetivo do país se adequar a nomenclatura internacional. Em 2016, ano que ocorre as paralimpíadas (no Rio de Janeiro/Brasil) em sua divulgação já foi atualizado o novo termo. Há momentos no artigo que será usada em citações de autores, a terminologia paraolímpica, posto que, as produções são anteriores a essa determinação.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Grandes benefícios são evidenciados com a prática desportiva por pessoas com deficiência, entre estes podem ser destacados, reabilitação física psicológica e social, melhoria geral da aptidão física, grandes ganhos de independência e autoconfiança para a realização de atividades da vida diária, além de uma melhora do autoconceito e da autoestima dos participantes. (CARDOSO, 2011, p. 530 e 531)

Apesar das iniciativas isoladas, é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que tem como resultado a devastação dos países participantes, o elevado número de combatentes com sequelas variadas em consequência da referida guerra, somada à necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Se constituindo, assim no marco histórico para o surgimento dos jogos paralímpicos,

[...] muitos soldados retornaram aos seus países, traziam em seu corpo marcas que jamais esqueceriam. O pós-guerra deixou muitos soldados mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos, isso fez com que seus governos tornassem uma série de providências sobre a qualidade de vida desses indivíduos, com isso muitos começaram a ter acesso as práticas esportivas e atividades físicas adaptadas como forma de tentar minimizar as adversidades causadas pela guerra.

Em países da Europa e nos Estados Unidos essa preocupação foi maior, e os resultados dela foram evidenciados notavelmente. Aos poucos ex-veteranos de guerra começaram a obter grande êxito em atividades esportivas, as mais visadas foram: o basquete sobre cadeira de rodas e o atletismo. (CARDOSO, 2011, p. 531 e 532)

Esse quadro descrito no pós-guerra exige novas formas de reabilitação desses combatentes, levando a neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann, que sai da Alemanha, em 1939, devido à perseguição aos judeus realizada pelo Nazismo. Passando a residir na Inglaterra (em Oxford), iniciando suas pesquisas "sobre o sistema nervoso periférico. No ano de 1944, começou a trabalhar na Unidade de Lesões Medulares de Stoke Mandeville, em Aylesbury e a usar o esporte como parte do processo de reabilitação dos pacientes. (SOUZA, 2013, p. 49 e 50)

Inicialmente, Ludwig Guttmann, realiza seu trabalho de reabilitação com combatentes, através de jogos em cadeiras de rodas, com o objetivo de desenvolver habilidades dos membros superiores e inferiores de seus pacientes.

Em 1948, ano que sucede os jogos olímpicos de Verão, em Londres (Inglaterra), o neurocirurgião Ludwig Guttmann, "passou a sonhar com uma olimpíada especial que reunisse milhares de deficientes em torno do desporto, aproveita o evento e cria paralelamente os primeiros jogos de Stoke Mandeville para paraplégicos. (CARDOSO, 2011, p. 532)



Esses jogos propostos por Ludwig Guttman têm ao todo 16 (dezesseis) atletas ingleses e as modalidades são: arremesso de dardo, arco e flecha, e tiro ao alvo. Essa iniciativa do médico foi fundamental na estruturação dos jogos paralímpicos. Observa-se que esses jogos ocorrem paralelamente aos jogos olímpicos, como acontece na atualidade.

O ano de 1952 é marcado pela primeira competição que envolve os deficientes físicos em esporte de cadeira de rodas, os países, participantes são: Estados Unidos da América, Inglaterra e Holanda.

Já em 1960, em Roma (Itália) acontece o 9.º (nono) Jogos de Stoke Mandeville, Vinícius Denardin Cardoso (2011), pontua que esses jogos contaram pela primeira vez com o apoio do COI (Comitê Olímpico Italiano), é também marcado pelo “envolvimento político e social do mundo todo com os jogos para pessoas com deficiência”. (CARDOSO, 2011, p. 532)

A denominação “Paraolimpíadas” tem suas origens em 1964 na Olimpíada de Tóquio quando “uma paciente paraplégica do Stoke Mandeville Hospital, Alice Hunter, que escreveu seu relato intitulado ‘Alice of the Paralympiad’ (Alice das Paraolimpíadas) para uma revista de desportos *The Cort Journal of the Paraplegics*. (CARDOSO, 2011, p. 532)

Em princípio esse nome “Paraolimpíadas” é vinculado às pessoas com quadro de paraplegia, todavia posteriormente amplia-se a todas as categorias que envolvem os diferentes tipos de deficiência. A origem da palavra “paraolímpico”:

deriva da preposição grega “para”, que significa “ao lado, paralelo” e da palavra “olímpico”, numa referência à ocorrência paralela entre os jogos olímpicos e Paraolímpicos desde 1960. A palavra “paraolímpico” era originalmente uma combinação de paraplégico e olímpico, entretanto, com a inclusão de outros grupos de pessoas com deficiência, e a união das associações o movimento olímpico, ela tomou outra conotação. (SENATORE, 2006, apud MARQUES et al, 2009, p. 370)

Desta forma, os jogos paralímpicos passam a ter a mesma periodicidade dos Olímpicos, e paralelo a esses, no entanto, “o modelo baseado no uso da mesma cidade sede ocorreu apenas nos primeiros dois eventos, e voltaria a ocorrer após trinta e quatro anos, na cidade de Seul. (MELLO e WINCKLER, 2012, apud SOUZA, 2013, p. 51)

É em 1976, na V Paraolimpíadas, ocorrida em Toronto, no Canadá, que são inseridos na competição os atletas cegos e amputados. En-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

quanto que na paralimpíada realizada na Holanda, em 1980, há a inclusão dos paralisados cerebrais.

Os jogos paralímpicos do ano de 1988, são organizados pelo Comitê Internacional para pessoas com deficiência (ICC - criado em 1982), “com o apoio do Comitê Olímpico Internacional” (MARQUES *et al.* 2009, p. 372). Acontecem em Seul, na Coréia do Sul, que tem como marca a utilização do mesmo local para competição dos atletas olímpicos e paralímpicos.

Em 1989 é criado o IPC (Comitê Paraolímpico Internacional), que “é responsável pela organização e execução dos jogos Paraolímpicos de Verão e de Inverno, das competições multideficiências, como os campeonatos mundiais, e por projetos de fomento desenvolvidos ao redor do mundo” (MARQUES *et al.* 2009, p. 372)

Ocorre ainda no mesmo ano, pela Assembleia Geral da Saúde, a Classificação Internacional de Deficiência, Incapacidade e Desvantagens (CIDID),

através da qual a OMS57 propõe uma classificação da deficiência com base nas suas consequências orgânicas, individuais e sociais. Esta visão sustenta a obsessão pela perfeição corporal, e simultaneamente a medicalização deste mito, o que faz com que apenas uma minoria da população seja vista como pessoa com deficiência ou como o “outro”. (MONTEIRO; PEREIRA; PEREIRA, 2011, p. 201)

No ano de 2001, essa classificação é reavaliada pela OMS, incluindo nessa classificação a funcionalidade e saúde, como também inicia um novo olhar sobre a deficiência com a finalidade de retirar os aspectos negativos que envolvem a mesma. Sendo assim, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF),

baseia-se numa abordagem biopsicossocial que incorpora os componentes de saúde nos níveis corporais e sociais (OMS, 2003) e destaca-se da anterior por incorporar as dimensões biomédica, psicológica e social. Representa, assim, uma mudança de paradigma para pensar e trabalhar a deficiência e a incapacidade, construindo um instrumento importante para a avaliação das condições de vida e para promoção de políticas de inclusão social (MONTEIRO; PEREIRA & PEREIRA, 2011, p. 202)

No que concerne a classificação dos atletas paralímpicos são usados dois sistemas, que são reavaliados constantemente para a busca de obter a justiça e igualdade nas competições. Esses sistemas são,

---

<sup>57</sup> Organização Mundial de Saúde

o médico (que verifica o nível mínimo de deficiência e não leva em conta a capacidade funcional do atleta) e o funcional (que identifica como o atleta executa as habilidades específicas da modalidade). Tais instrumentos combinam informações médicas com dados sobre desempenho, a fim de avaliar habilidades específicas da modalidade esportiva que são necessárias. Esse sistema de classificação pode ser usado em competições que envolvam uma ou mais deficiências. (PACIOREK, 2004, *apud* MARQUES et al, 2009, p. 371)

Quanto às categorias dos atletas paralímpicos, são divididos classicamente em:

seis diferentes grupos no Movimento Paralímpico (Comitê Organizador dos Jogos Parapanamericanos, 2007):

- Atleta com paralisia cerebral;
- Atleta com lesão medular/poliomielite;
- Atleta com amputação;
- Atleta com deficiência visual;
- Atleta com deficiência intelectual;
- “Les autres” (inclui todos os atletas com alguma deficiência de mobilidade não incluída nos grupos acima). (MARQUES *et al.*, 2009, p. 371)

Em 2016, ocorrem a XXXI Olimpíada e XV Paraolimpíadas no Rio de Janeiro (Brasil), respectivamente nos meses de agosto e setembro. No que tange as modalidades paralímpicas são um total de 23 (vinte e três), dentre elas: atletismo, basquete, halterofilismo, natação, tênis de mesa. Exclusivamente para atletas com deficiência, os esportes se constituem em: bocha, goalball e futebol de cinco. Também há a estreia de duas modalidades esportivas, a canoagem e o triatlo.

Diante do exposto, constata-se os grandes avanços obtidos pelos atletas paraolímpicos, possibilitando o seu empoderamento, e sua capacidade de superação. Todavia, ainda há um longo percurso a ser trilhado, no sentido de estrutura, investimentos, patrocínio, para que esteja no mesmo patamar que os atletas olímpicos.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

**4. A obra *A Menina que Perdeu a Perna***

A autora da obra *A Menina que Perdeu a Perna* (2014) é Aparecida Carina Alves de Souza,<sup>58</sup> que tem sua atuação profissional vinculada ao esporte para pessoas com deficiência.

O livro escrito por Aparecida Carina Alves de Souza (2014), se constitui em uma obra de literatura infantil, fruto de sua dissertação de Mestrado, onde desenvolveu a pesquisa com atletas paralímpicos, abordando não só o esporte como também a história de vida dos mesmos.

Aparecida Carina Alves de Souza (2014) escreve esse livro baseado na história verídica de uma atleta paralímpica, transformando essa história em literatura para crianças. A protagonista é Rosinha, uma atleta de arremesso de peso e lançamento de disco, que perdeu a perna, após ser vítima de um atropelamento próximo a sua casa. A autora narra o exemplo de superação dessa atleta, que ganha várias medalhas de ouro. Ao apresentá-la, enfatiza a história de a menina ser vaidosa, e que seu nome se liga ao fato de adorar a cor rosa.

A linguagem utilizada é acessível e traz em seu bojo questões fundamentais que envolvem a deficiência, a prática de esporte, a superação, a determinação e o empoderamento da protagonista. Ao narrar o acidente da atleta, utiliza linguagem clara: “[...] foi atropelada por um caminhão, que machucou muito a sua perna, e foi para o hospital. Os médicos precisaram tirar um pedaço da perna esquerda de Rosinha”. (SOUZA, 2014)

Após o atropelamento, a autora descreve a reação positiva de Rosinha, diante de sua nova condição, mostrando que depois da amputação de sua perna a mesma inicia a prática de esporte. É interessante pontuar que nessa ilustração, aparece Rosinha com o treinador, e um atleta correndo sem o braço direito, demonstrando assim a importância do esporte, bem como a possibilidade das pessoas com deficiência o praticarem.

Continuando Aparecida Carina Alves de Souza (2014) assinala as vitórias de Rosinha, que ganha várias medalhas de ouro como atleta paralímpica de arremesso de peso e lançamento de disco. Pontua: “Rosinha

---

<sup>58</sup> Psicóloga de formação com especialização em psicologia do esporte e Mestrado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), intitulada “Resignificação da Identidade Social de Pessoas com Deficiência através da Prática do Esporte: Possibilidades e Percursos (2013).

viagrou o mundo inteiro como atleta paralímpica e conheceu novos idiomas, novos costumes e novas pessoas". (SOUZA, 2014)

Também enfoca que há ainda preconceito oriundo da história da pessoa com deficiência por séculos. Mas, que a protagonista consegue superá-lo; quando fala sobre as leis e direitos dessas pessoas:

Algumas pessoas, quando olhavam para Rosinha, estranhavam que ela tivesse apenas uma perna.

Rosinha às vezes ficava zangada com isso e teve uma ideia: começou a dar palestras sobre sua vida, para as pessoas entenderem como é a vida de uma pessoa com deficiência – Pessoas com algum tipo de deficiência também têm direitos, como as outras pessoas ditas “normais”, e precisam ser respeitadas (SOUZA, 2014)

Sempre descreve Rosinha como uma pessoa feliz, amada e reconhecida pelas pessoas nas ruas. Determinada, com garra, disciplinada na prática de esporte e com muitos sonhos (um deles era comprar uma casa para mãe, conseguindo atingi-lo).

Finaliza mostrando várias ilustrações da menina andando de bicicleta com uma medalha, dançando e ouvindo música, ou seja, tendo uma vida “normal”. Rosinha verbaliza no final do livro: “Ainda bem que perdi a perna, brincava Rosinha, bem feliz com sua vida de atleta e com as suas medalhas. (SOUZA, 2014)

Constata-se que a obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014) faz uma relação da história de vida de Rosinha, e a literatura, posto que narra essa história através da literatura infantil, na busca de atender esse público. Se constitui num trabalho muito rico através do texto e das ilustrações a autora consegue abranger vários elementos que envolvem à deficiência: o preconceito, a inclusão, os jogos paralímpicos; bem como as leis e direitos das pessoas com deficiência.

Com sua obra Aparecida Carina Alves de Souza (2014) trouxe para o leitor reflexões sobre a questão da deficiência, trazendo para o imaginário social, uma nova forma de concebê-la, mostrando a autonomia, a determinação, o empoderamento de Rosinha, e principalmente a importância do esporte para ela, na construção de sua identidade pessoal e social.

5. *Literatura e história na obra A Menina que Perdeu a Perna*

Antes de descrever sobre a relação interdisciplinar entre Literatura e História na literatura infantil *A Menina que Perdeu a Perna*, faz-se crucial pontuar alguns elementos essenciais para o estabelecimento desse diálogo.

Primeiro que tanto a História como a Literatura partem do texto como “condição basilar para a concepção e produção seja da História, seja da Literatura de ficção”. (DONATO, 2007)

Para Sandra Jatahy Pesavento (2007): “Ambas têm a *capacidade de partilhar a cruzar formas de percepção e conhecimentos sobre o mundo, mesmo tendo métodos e exigências diferenciadas e... metas... distintas*, como afirma Sandra Jatahy Pesavento (2000, *apud* DONATO, 2007).<sup>59</sup> Com essa perspectiva, enfatiza que:

os discursos literário e histórico são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem sentidos e significados inscritos no tempo. Entretanto, as narrativas, histórica e a literária guardam com a realidade distintos níveis de aproximação. (PESAVENTO, 2006, p. 21)

No que concerne especificamente a obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), *A Menina que Perdeu a Perna*, o diálogo interdisciplinar está presente em toda a construção de sua narrativa.

A autora por ter inserção profissional junto aos atletas paralímpicos, tem a influência desse meio social, tanto para realização de sua dissertação do mestrado sobre o tema, como para criação de sua obra, isto é, esse meio que a inspira escrever. Conforme Antonio Candido (2010), são esses aspectos que embasam a produção do autor, ou seja: “[...] a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (p. 31)”. Antonio Candido (2010), ainda ressalta na relação entre o autor e a elaboração da obra que:

[...] forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, jul-

---

<sup>59</sup> Sandra Jatahy Pesavento (2006, p. 21) ressalta que “Escritores de literatura não têm este compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido. Mas, em princípio, o texto literário precisa, da mesma forma, ser convincente e articulado, estabelecendo coerência e dando *impressão* de verdade. Escritores de ficção também contextualizam seus personagens, ambientes e acontecimentos para que recebam aval do público leitor”.

gando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo.

[...] ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade e como veículo das suas aspirações individuais mais profundas (p. 35).<sup>60</sup>

Nesse sentido, a obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), tem o compromisso social, por trazer a história de vida de uma atleta paralímpica que se constitui um exemplo de superação para literatura. Ao elaborar esse trabalho, a mesma tem como foco o público infantil, sendo assim, sua narrativa é clara, com linguagem acessível a esse público, explora as ilustrações, na busca de atingir seu objetivo. Para Antonio Candido (2010), o público consiste em “fator de ligação entre o autor e a sua própria obra” (CANDIDO, 2010, p. 48). Nessa perspectiva, o público infantil a quem se direciona esse trabalho é elemento chave, posto que, é o público que “dá sentido a realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador” (CANDIDO, 2010, p. 48)

É nessa dinâmica entre obra, o público e o autor, que o texto de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), se estrutura, tendo claro a indissociabilidade entre esses três eixos norteadores, que se constitui o trabalho literário. Desta forma, “*A literatura é... um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem... A obra não é um produto fixo, uníssono ante qualquer público...*” “*...todo escritor depende do público*”. (CANDIDO, 2000, *apud* DONATO, 2007)

Em sua obra Aparecida Carina Alves de Souza (2014) traz questões voltadas para a deficiência, criando novas possibilidades para essa questão, a partir da narração da história de superação de uma pessoa com deficiência, através do esporte, vislumbrando uma nova percepção sobre a deficiência, que influencia a construção de um imaginário, que, segundo Sandra Jatahy Pesavento (2006) consiste em um:

sistema produtor de ideias e imagens, que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e a conceitual que formam o conhecimento científico, e a das suas sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível.

---

60 A partir dessa concepção Gerson Donato (2007), parafraseando A. Bosi, destaca que a literatura, “é um produto (texto) com mensagens que não se esgotam no mero registro de conteúdos objetivos, o que lhes acresce igualmente o peso ideológico. A literatura vai além do objetivo, ela atinge a subjetividade.” (BOSI, 1978, *apud* DONATO, 2007)

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

[...] o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela o seu referente. (PESAVENTO, 2006, p. 12)

Com essa concepção, Aparecida Carina Alves de Souza (2014) estabelece uma relação entre o real vivido pela protagonista de sua obra e o imaginário, apresentando uma nova forma de conceber a deficiência, tendo como recheio dessa percepção os elementos que envolvem a superação, sucesso e o empoderamento de Rosinha (protagonista) uma atleta sem perna, rompendo com os paradigmas segregação/exclusão que permeou a história da deficiência por séculos. Nessa perspectiva Sandra Jatohy Pesavento (2006) pontua sobre o imaginário:

Em uma versão historicizada (LE GOFF, 1985), articula-se o entendimento de que os imaginários são construções sociais e, portanto, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades, assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço<sup>61</sup>. (PESAVENTO, 2006, p. 13)

A questão do tempo na obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014) é fundamental, apesar de se constituir em um texto literário, sendo assim, sem compromisso com essa temporalidade. A autora se aproxima da história ao construir a narrativa embasada na história contemporânea da deficiência, estabelecendo os jogos paralímpicos e a inclusão social; bem como a história de vida de Rosinha, protagonista do livro, que supera as limitações da deficiência, se tornando uma atleta paralímpica com muitas medalhas, feliz, amada, e com sucesso.

Nessa Perspectiva Aparecida Carina Alves de Souza (2014) ambienta a sua obra, descrevendo os acontecimentos de uma determinada época histórica, assemelhando-se à definição de Bloch (1941), que concebe a História como "*ciência dos homens*"... "*dos homens, no tempo*". (BLOCH, 2001, *apud* DONATO, 2007)

Sendo assim, o livro de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), além de se construir em uma obra literária voltada para o entendimento infantil, traz em seu bojo as questões que envolvem a deficiência, e o esporte Paralímpico, pertinentes à história de uma época.

---

<sup>61</sup> Nesse sentido "os corpos deficientes em suas práticas sociais mostram marcas que, reafirmando suas histórias – individual e social –, os constituem e reforçam sua deficiência. Porém, nesse mesmo momento em que contam suas histórias, e na relação com outras pessoas, ressignificam-se. É o sujeito na relação com outro, que, ao compartilhar seus limites e suas possibilidades, pode redimensionar as possibilidades e os limites de seu corpo, de seu papel social". (SOUZA, 2013, p. 31)



## 6. Considerações finais

O presente artigo englobou a trajetória da deficiência em diferentes momentos históricos, marcada pela questão da exclusão/segregação da pessoa com deficiência. Sendo só a partir do século XIX que começa a ser estudada com base científica. Todavia, é com a Segunda Guerra Mundial, que a concepção da deficiência passa por mudanças, é nesse período que tem origem os jogos paralímpicos. A década de 1990 se constitui em uma época que enfatiza a inclusão social das pessoas com deficiência com a criação de várias leis sobre os seus direitos.

Esses aspectos foram abordados com a finalidade de atingir o objetivo desse artigo que consiste em compreender como se teceu o diálogo interdisciplinar entre literatura e história na obra de Aparecida Carina Alves de Souza (2014), posto que a autora parte de uma história de uma atleta paralímpica, trazendo para literatura infantil essa história, nessa narrativa estão imbricados outros elementos que fazem parte desse contexto: deficiência, o esporte e a inclusão social.

Sua produção literária baseia-se em um determinado tempo, isto é, o final do século XX e os anos iniciais do XXI, momento em que a concepção da deficiência passa por transformações, há a valorização da prática de esporte, sobretudo para as pessoas com deficiência. Desta forma, Aparecida Carina Alves de Souza (2014) cria seu texto fundamentado nas questões sociais de uma determinada época, através da narração de uma história verídica, vinculada aos elementos sociais e culturais de uma temporalidade histórica.

Concluindo, pode-se afirmar que a obra da autora apresenta um grande enriquecimento para o público infantil, porque possibilita não só o entretenimento, como também possibilita, dialogar e refletir os aspectos que envolvem a deficiência, rompendo com os estigmas e estereótipos que ainda a permeiam. Permitindo trabalhar com o imaginário das crianças em relação ao tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, Aparecida Carina Alves de. *Ressignificação da identidade social de pessoas com deficiência através da prática de esporte: possibilidades e percursos*. 2013. Dissertação (de Mestrado Acadêmico em Letras

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

e Ciências Humanas). – Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy, Duque de Caxias.

\_\_\_\_\_. *A menina que perdeu a perna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mundo Criar, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad.: Maria Helena Kühnrm, 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Vinícius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4013/401338556017.pdf>>.

DONATO, Gerson. Quando Clio se encontra com Calíope. *Revista de História Comparada*, vol. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001\\_Num002\\_artigo004.pdf](http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001_Num002_artigo004.pdf)>. Acesso em: 17-07-2016.

FRANÇA, Tiago Henrique. A normalidade uma breve introdução à história social da deficiência. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, vol. 6, n.º 11, p. 105-123, julho de 2014. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/205/199>>.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues *et al.* Esporte olímpico e para-olímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 23, n. 4, p. 365-377, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16737>>.

MAZZOTTA, Marcos José da Silva. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*, 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MONTEIRO, Inês; PEREIRA, Ana Luísa; PEREIRA, Olga. A visibilidade da deficiência – uma revisão sobre as representações sociais, das pessoas com deficiência e atletas paraolímpicos nos media impressos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XXII, p. 199-217, 2011. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9907.pdf>>

NAKAYAMA, Antônia Maria. *Educação inclusiva: princípios e representação*. 2007. Tese (de Doutorado em Educação). – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Rosana Andréa R. de. Direito à Inclusão: uma longa, tortuosa e dura conquista. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, vol. 7, n. esp., p. 144-153, jun. 2006. Disponível em: [http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10358/ssoar-etd-2006-esp-oliveira-direito\\_a\\_inclusao\\_uma\\_longa.pdf?sequence=1](http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10358/ssoar-etd-2006-esp-oliveira-direito_a_inclusao_uma_longa.pdf?sequence=1).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha – nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Edufu, 2006.

ROCHA, Sabrina Trica. *Educação e formação de professores: as contradições da inclusão na escola pública*. 2009. Dissertação (de Mestrado Acadêmico em Educação). – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.